

Interpolação de constituintes entre “(vo)cê + verbo”

(Interpolation of constituents between the pronoun (vo)cê + verb)

Ivanete Belém do Nascimento

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

ivanetenascimento@gmail.com

Abstract: Since *cê*, the reduced variant of the second person pronoun *você* (you), seems to be in process of cliticization in Brazilian Portuguese (BP) (VITRAL, 1996), several studies have investigated the correlation between the coalescence of the pronoun to the verb and the (full or reduced) pronunciation of this pronoun (RAMOS, 1997, among others). However, an opposite hypothesis can be raised: could the pronunciation of this pronoun favor the use of syntactic constructions with or without interpolation of constituents? In this paper, we investigate this question, and analyze which linguistic and social factors could be correlated to the use of two syntactic structures: (i) with interpolation: “(vo)cê + X + verb”; and (ii) without interpolation: “X + (vo)cê + verb” or “(vo)cê + verb + X”.

Keywords: interpolation; clitics; syntactic variation.

Resumo: Uma vez que *cê*, variante reduzida do pronome de segunda pessoa *você*, parece encontrar-se em processo de cliticização no português brasileiro (VITRAL, 1996), diversos estudos têm investigado a hipótese de correlação entre a coalescência do pronome ao verbo e a pronúncia (plena ou reduzida) desse pronome (RAMOS, 1997, dentre outros). No entanto, uma hipótese inversa pode ser aventada: a pronúncia desse pronome favoreceria o emprego de construções sintáticas com ou sem interpolação de constituintes? Neste artigo, propomos investigar essa última questão, procurando analisar quais fatores linguísticos e sociais correlacionam-se ao emprego de duas estruturas sintáticas: (i) com interpolação: “(vo)cê + X + verbo”; e (ii) sem interpolação: “X + (vo)cê + verbo” ou “(vo)cê + verbo + X”.

Palavras-chave: interpolação; clíticos; variação sintática.

Introdução¹

A interpolação (presença de constituintes entre clíticos e o verbo) era um fenômeno recorrente no português arcaico (MARTINS, 1996, apud VITRAL; RAMOS, 2006a). Como evidenciam os exemplos (01-04)² abaixo, diferentes constituintes sintáticos podiam ocupar uma posição intermediária em relação ao complexo “clítico + verbo”.

- (01) Que [se **adeãte** segue]. (1355)
- (02) que [sse **nõ** deue] a estender esse maravedi. (1296)
- (03) o quall pardieiro [lhe **logo** emprazarõ]. (1494)
- (04) que [as **Ao dicto Mosteiro** deuiâ] Alguas pessoas. (1357)

¹ A questão investigada neste artigo se insere em um projeto de pesquisa maior que tem por objetivo analisar o uso variável do pronome de segunda pessoa “você(s)” no português falado na cidade de São Paulo. Esse projeto recebe apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Os exemplos (01)-(04) são de Martins (1996, apud VITRAL; RAMOS, 2006a, p. 96).

Atualmente, todavia, a adjacência entre clíticos e verbos apresenta-se categórica no português brasileiro (PB),³ conforme observamos nos exemplos a seguir.⁴

- (05) a. **Não** se sabe muito bem.
b. * Se não sabe muito bem.
- (06) a. Ele me entregou o livro **rapidamente**.
b. * Ele me rapidamente entregou o livro.

No entanto, além dos pronominais tradicionalmente reconhecidos como clíticos na literatura (*se, me, lhe, nos*, etc.), estudos recentes têm apontado para a “emergência” de novos clíticos no PB (NASCIMENTO, 2009).⁵ No quadro dos pronomes pessoais, por exemplo, as formas reduzidas *cê, e(i)s* e *(a)’ente* concorrem com as formas plenas (*v)ocê, eles* e *a gente*, respectivamente (RAMOS, 1997; VITRAL; RAMOS, 2006b; ZILLES, 2002). Um processo similar ocorre com o auxiliar *estar* em perífrases com o gerúndio: *está fazendo* > *tá fazendo* (MENDES, 2008) e com o *não* pré-verbal: *não sei* > *num sei* (VITRAL; RAMOS, 2006c).

Por outro lado, contrariamente ao que ocorre com *se, me, lhe* e outros clíticos prototípicos, *cê, e(i)s, (a)’ente, tá* e *num* permitem que constituintes ocorram numa posição intermediária entre eles e o verbo, como se vê nos exemplos (07-11) – o que parece ser um contra-argumento à hipótese de cliticização desses itens.⁶

- (07) a. **Sempre** cê morou lá?
b. Cê sempre morou lá?
- (08) a. **Naquela época,** eis estavam na faculdade.
b. Eis naquela época estavam na faculdade.
- (09) a. **Geralmente** ’ente sai aos domingos.
b. ’ente geralmente sai aos domingos.
- (10) a. A Ana tá estudando no quarto.
b. A Ana tá no quarto estudando.
- (11) a. Num vive-se bem nesse bairro.
b. Num se vive bem nesse bairro.

No presente estudo, voltamos nossa atenção a um desses fatos linguísticos: as estruturas sintáticas em que o pronome *você/cê* é empregado, a fim de investigar a ordem sintática de constituintes adverbiais e discursivos em relação a esse pronome e o verbo do qual é argumento. Para tal, foram analisadas duas variantes: (a) construções com constituintes intervenientes entre o pronome *você/cê* e o verbo (com interpolação),

³ No português europeu (PE) atual, a interpolação restringe-se a registros mais formais da escrita (MARTINS, 1996, apud VITRAL; RAMOS, 2006a).

⁴ Os exemplos (05) a (11) foram criados pela autora.

⁵ Em Nascimento (2009), discutimos a hipótese de que poderia estar havendo uma mudança mais abrangente na língua, que poderia levar a uma morfologia flexional à esquerda do verbo.

⁶ Dentre os itens mencionados, o único que apresenta um comportamento mais próximo de um clítico é o *não/num*, que, independentemente de sua pronúncia, permite apenas a interpolação de outros clíticos.

como exemplificado em (12); e (b) construções sem constituintes intervenientes entre o pronome *você/cê* e o verbo (sem interpolação), em (13) e (14).

(12) E você às vezes trabalha mais do que doze horas. (Fabiana-1E-2003)⁷

[pronome (*Você / Cê*) + **X** + verbo]

(13) E às vezes você trabalha mais do que doze horas.

[**X** + pronome (*Você / Cê*) + verbo]

(14) E você trabalha às vezes mais do que doze horas.

[pronome (*Você / Cê*) + verbo + **X**]

O *corpus* adotado é composto por 12 inquéritos gravados em 2003 (6 entrevistas sociolinguísticas e 6 aulas universitárias). A amostra é constituída por paulistanos, homens e mulheres, de três faixas etárias (25-32 anos; 35-45 anos; 50 anos ou mais). Todos os informantes têm terceiro grau de escolaridade (concluído ou em curso).⁸ Os pressupostos teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa são os da Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana (LABOV, 1994, 2001; GUY; ZILLES, 2007). Foram desenvolvidas análises qualitativa e quantitativa dos dados. Para esta última, foi utilizado o programa estatístico VARBRUL, em sua versão mais recente, *Goldvarb X*.

No que se segue, descrevemos brevemente a hipótese de cliticização da forma *cê*. Em seguida, tratamos do fenômeno de interpolação de constituintes entre “*você/cê* + verbo” e delineamos o envelope de variação. Na última seção deste artigo, apresentamos os resultados da análise quantitativa.

***Cê*, um clítico?**

Fundamentado em uma concepção formalista da teoria sobre gramaticalização, Vitral (1996) considera que *cê* estaria se cliticizando⁹ no PB. Para justificar essa hipótese, o autor apresenta uma série de contextos em que o emprego da variante reduzida do pronome em questão parece não ser possível. Os dados em (15-18)¹⁰ exemplificam alguns desses contextos.

⁷ As indicações entre parênteses ao final dos exemplos trazem informações sobre a entrevista da qual aquela ocorrência foi extraída e seguem o seguinte esquema: **Nome** (fictício) do informante, seguido de **idade** (1 = 25-32 anos; 2 = 35-45 anos; 3 = 50 anos ou mais), tipo de inquérito (E = entrevista sociolinguística; A = aula universitária) e ano da gravação. Em (12), por exemplo, o dado foi extraído de uma informante (Fabiana) da primeira faixa etária, em situação de entrevista sociolinguística, cuja gravação data de 2003.

⁸ A amostra adotada nesse estudo integra um *corpus* maior, que está sendo organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GESOL) da Universidade de São Paulo (USP), sob coordenação do Prof. Dr. Ronald Beline Mendes. As entrevistas foram coletadas nos anos 2000 por alunos do curso de Sociolinguística do Departamento de Linguística (DL) da Universidade de São Paulo e por integrantes do GESOL.

⁹ A cliticização constitui uma das etapas finais no processo de gramaticalização, que pode ser sintetizado pelo percurso: Item Lexical > Item gramatical > Clítico > Afixo Flexional (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). No caso de pronome *você*, tal processo inicia-se com o sintagma nominal *vossa mercê*.

¹⁰ Exemplos criados pela autora.

- (15) a. – Quem bateu a porta? / – **Você**. [Isolado]
 b. – Quem bateu a porta? / – **???** **Cê**.
- (16) a. Foi **você** que me ligou? [Foco / ênfase]
 b. ? Foi **cê** que me ligou?
- (17) a. Gosto muito de **você**. [Complemento de preposição]
 b. ?? Gosto muito de **cê**.
- (18) a. Encontrei **você**. [Objeto direto / enclítica]
 b. ??? Encontrei **cê**.

De acordo com o autor, o fato da forma *cê* não ocorrer em enunciados isolados (15), não receber foco ou ênfase (16), não ser complemento de preposição (17), nem ocorrer enclítica ao verbo (18), dentre outras características, seriam indícios de que esse item estaria funcionando com um clítico no PB. Tal hipótese, por outro lado, é reanalisada por Petersen (2008), que, adotando uma proposta de um sistema pronominal tripartido (CARDINALLETI; STARK, 1999, apud PETERSEN, 2008), considera *cê* uma *forma fraca* e não um *clítico*. Dentre os argumentos da autora está o fato de que, ao contrário do que Vitral (1996) defende, *cê* pode ser empregado como complemento de preposição (*p'cê*, *c'cê*, *d'cê*), dentre outras características que o aproximam mais de uma *forma fraca* do que de um *clítico* propriamente dito ou de um *pronome forte*.

Podemos dizer que a diferença entre as propostas de Vitral (1996) e Petersen (2008) reside no fato de que a primeira considera a cliticização como um processo, enquanto a segunda a considera como produto. Para Vitral (1996), o processo de cliticização se desenvolve em um *continuum*, que envolve várias etapas, nem sempre bem delimitadas (VITRAL; RAMOS, 2006a). Petersen (2008), ao contrário, está interessada em classificar *cê* como *clítico*, *forma fraca* ou *pronome forte* em um momento sincrônico da língua.

Não será nosso objetivo aqui discutir ambas as propostas, nem a pertinência de cada uma delas aos propósitos de seus respectivos trabalhos e áreas de pesquisa. De uma maneira geral, o ponto de vista adotado neste estudo se coaduna com a hipótese de Vitral (1996) e Vitral e Ramos (2006a), na medida em que, independentemente de ser ou não um *clítico* ou uma *forma fraca*, não seria inválido dizer que *cê* encontra-se atualmente em um processo de cliticização – de maneira semelhante ao que se deu com *se* e outros clíticos na história do português (MARTINS, 1996; apud VITRAL; RAMOS, 2006a).

Considerando a hipótese de cliticização como um *continuum*, portanto, podemos aventar a hipótese de que, quanto mais avançado estiver esse processo, menor seria a tendência de constituintes intervenientes ocorrerem entre o pronome e o verbo, dado que clíticos precisam apoiar-se em outro constituinte sintático (geralmente o verbo). Vários são os estudos que investigaram a hipótese de correlação entre a presença de elementos entre o *você/cê* e o verbo e a pronúncia plena ou reduzida desse pronome (RAMOS, 1997; NASCIMENTO, 2008; GONÇALVES, 2008; dentre outros). Os resultados desses trabalhos confirmam esta hipótese: a variante reduzida do *você* tende a ser evitada nos contextos em que há materiais intervenientes entre ela e o verbo, sendo favorecida quando pronome e verbo encontram-se adjacentes.

No entanto, esses resultados também podem levar a uma conclusão inversa: não seria justamente a redução fonética do *você* que favoreceria a ordem sintática “pronome + verbo” (sem interpolação)? Em outras palavras, a interpolação tenderia a ser desfavorecida pelo processo de cliticização da forma *cê*? Com vistas a responder a esta questão, propusemos considerar a presença ou não de constituintes entre o pronome e o verbo como uma variável dependente e observar quais variáveis independentes (dentre elas a pronúncia plena ou reduzida do pronome em questão) estariam correlacionadas a esse fenômeno de variação.

Como mencionamos anteriormente, foram consideradas as seguintes variantes sintáticas: com interpolação (“pronome + X + verbo”) e sem interpolação (“pronome + verbo + X” ou “X + pronome + verbo”)¹¹ – entendendo “X” como qualquer elemento discursivo ou adverbial interveniente ou potencialmente interveniente entre *você/cê* (com a função sintática de sujeito) e o verbo.

Interpolação de constituintes entre *você/cê* e o verbo

A interpolação de constituintes entre o pronome *você/cê* e o verbo pode ser dividida em dois tipos: (i) categórica ou quase categórica; e (ii) variável. O primeiro tipo ocorre, por exemplo, com o *não/num* pré-verbal e com os demais clíticos. Contrariamente ao que ocorre com o clítico *se*, a forma *cê* sempre antecede o *não/num* em sentenças negativas (19). Além disso, uma vez que a ênclise é rara no PB falado atualmente, quando há a presença de outros clíticos na oração, estes normalmente vêm posicionados entre o *você/cê* e o verbo (20). Esse fato indica que o processo de cliticização de *se*, *me* e outros clíticos prototípicos no português pode estar já concluído ou muito avançado, ao passo que o *não/num* pré-verbal estaria em um processo de cliticização em menor grau daquele percorrido pelos clíticos pronominais oblíquos, mas um pouco mais avançado comparativamente à cliticização de *cê*.

- (19) a. Cê não tem grupo né, Fábio? (Lucy-1A-2003)
 b. ??? Não cê tem grupo né, Fábio?
 c. ??? Cê tem não grupo né, Fábio?¹²
- (20) a. Cê se sente assim, dentro disso então. (Fabiana-1E-2003)
 b. * Se cê sente assim, dentro disso então.
 c. ? Cê sente-se assim, dentro disso então. (uso raro)

O segundo tipo de interpolação compreende casos cujos constituintes intervenientes apresentam uma ordem variável em relação ao complexo “pronome + verbo” – ou seja, podem ser deslocados para outras posições sintagmáticas sem alteração semântica. São estes últimos casos que nos interessam mais de perto neste

¹¹ Embora tenhamos apresentado a ordem de “X” imediatamente antes do pronome ou imediatamente após o verbo, essa ordem não foi a única considerada: outros elementos não móveis podiam também estar entre “X” e o pronome ou entre o verbo e “X”, como se verifica em (i) a seguir, no qual entre “X” (às vezes) e o pronome há outros materiais intervenientes “não móveis”, no caso “é isso que”.

(i) a. Às vezes, é isso que você/cê acaba fazendo.
 b. É isso que você/cê às vezes acaba fazendo.

¹² A construção “Cê tem grupo não, né, Fábio?”, embora possa ocorrer em algumas variedades do PB, não parece ser uma construção possível (ou produtiva) na variedade paulistana, que está sendo investigada neste estudo.

trabalho. Alguns constituintes apresentam uma posição mais móvel na oração: podem vir ou não em uma posição intermediária entre o sujeito pronominal e o verbo. É o caso, por exemplo, de constituintes adverbiais (21), de elementos discursivos (22) ou mesmo de sintagmas extensos, como em (23).¹³

- (21) a. Aqui dentro, você/cê também faz trabalho de pesquisa. (Fabiana-1E-2003)
b. Aqui dentro, você/cê faz trabalho de pesquisa **também**.
- (22) a. Que que você/ cê... né? gosta de faze(r)? (Vanessa-2E-2003)
b. Que que você/ cê gosta né? de faze(r)?
- (23) a. Cê vai chega(r) num ponto que você/cê, aqui no mundo sensível, vai pode(r) ver(r) não essas belezas parciais. (Pablo-1A-2003)
b. Cê vai chega(r) num ponto que **aqui no mundo sensível, você/cê vai** pode(r) ver(r) não essas belezas parciais.

Cabe destacar que, embora a perspectiva teórica adotada por Vitral e Ramos (2006a) seja distinta da nossa, a proposta da cliticização enquanto um processo gradual, assumida por esses autores, pressupõe períodos em que há uma variabilidade – o que se coaduna com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. Como vimos em exemplos anteriores, existe uma variabilidade quanto à ordem sintática de alguns constituintes em relação ao complexo “pronomes + verbo”. Dessa maneira, podemos nos perguntar sobre quais fatores (sociais e linguísticos) correlacionam-se a esse fenômeno de variação. Nossa proposta, portanto, não é pesquisar a interpolação entre “(vo)cê + verbo” de um ponto de vista categórico, mas sim de uma perspectiva variável, ou seja, objetivamos analisar quais fatores (sociais e linguísticos) controlam o uso de estruturas sintáticas com ou sem interpolação de constituintes.

Envelope de variação

Todo estudo variacionista pressupõe a identidade semântica dos itens analisados enquanto variantes de uma variável. Ou, em termos labovianos, é necessário que as formas variantes apresentem a mesma referência ou “valor de verdade” (LABOV, 1978). No caso de variáveis sintáticas, todavia, o estabelecimento do envelope de variação (contexto variável) não é tão simples como no caso de variáveis fonológicas e morfológicas¹⁴.

No presente estudo, uma primeira questão a ser colocada é sobre a natureza dos elementos potencialmente intervenientes entre o pronome e o verbo. A este respeito, foram considerados como materiais potencialmente intervenientes apenas elementos adverbiais¹⁵ (24-25) e discursivos¹⁶ (26-30).

¹³ Nos dados efetivamente pronunciados, a variante plena foi a opção do falante nos exemplos (21-23).

¹⁴ Para um debate a respeito desse assunto, v. Labov (1978) e Lavandera (1978).

¹⁵ Objetos diretos e objetos indiretos não foram considerados constituintes potencialmente intervenientes.

¹⁶ Em um segundo momento, decidimos excluir da análise os casos com alguns constituintes discursivos, uma vez que estes, embora em número elevado, não apresentavam variação – o que parece demonstrar a preferência por posições mais fixas no enunciado (em geral à esquerda do complexo “pronomes + verbo”). São eles: *então* (concluindo ou sequenciando); *ai* (concluindo ou sequenciando); *quer dizer* e *agora*. Foram mantidos somente os constituintes discursivos *assim*, *né?* e *eh* quando imediatamente antecedentes ao pronome ou no contexto imediatamente seguinte ao verbo.

- (24) Você pode fechar os olhos... que **automaticamente** você vai sentindo como uma... um degradê... (George-1A-2003)
- (25) Mas você precisa te[r] **sempre** *aí* um juiz na sua cabeça... (Lucy-1A-2003)
- (26) Sei lá né? ... cê ter(r), **né?** a comunidade do tráfico. (Fabiana-1E-2003)
- (27) **Então** você tem essa primeira impressão não é? (Luan-3A-2003)
- (28) **Que(r) dizer**, cê tem que orienta[r] sempre essa população. (Vanessa-2E-2003)
- (29) Questões um dois e três e a questão quatro que tá aqui embaixo que ele está pedindo que é da um a quatro, você vai retirar o ponto ou vírgula e vai unir essas frases numa só **Aí** você vai ter que fazer a adaptação não é? (Luan-3A-2003)
- (30) É **assim**... Você fala(r) na repressão...você fala[r] do tempo que, né, questão da democracia... (Vanessa-2E-2003)

No caso de haver dois ou mais constituintes (potencialmente) intervenientes, os seguintes critérios foram adotados: (i) deu-se preferência aos itens gramaticais; (ii) no caso de todos os constituintes serem gramaticais ou discursivos, considerou-se o mais próximo ao pronome *você/cê* ou ao verbo; (iii) caso a proximidade fosse também idêntica ou semelhante, optou-se por considerar apenas o constituinte de maior extensão fônica.

Devemos considerar ainda que diferentes ordens sintáticas de constituintes adverbiais nem sempre mantêm o mesmo significado, o que leva ao problema da manutenção da identidade semântica das variantes. Como os exemplos em (31) abaixo demonstram, a alteração na ordem sintática de constituintes adverbiais como *realmente*, *já* e *só* pode levar a diferentes significados, uma vez que o escopo desses itens é alterado. Em (31a), por exemplo, *só* tem escopo sobre o verbo *dar*; em (31b) e (31c), por outro lado, o escopo desse advérbio recai sobre *aula* e *cê*, respectivamente.

- (31) a. Ah! cê só dá aula? (Fabiana-1E-2003)
 b. ? Ah! cê dá só aula?
 c. * Ah! **Só** cê dá aula?

As ocorrências em que a mudança do escopo era nitidamente visível foram descartadas da análise quantitativa. No caso de a alteração do significado ser duvidosa, realizamos duas análises: uma em que esses dados duvidosos foram considerados e outra em que estes dados foram excluídos.

Outros casos considerados “duvidosos” foram aqueles cujos elementos potencialmente intervenientes apresentavam uma grande extensão – como em (32a), em que a expressão “mesmo que seja um pouquinho difícil” poderia ser posicionada entre o *você* e o verbo, apesar de sua extensão. Novamente, duas análises foram realizadas: com a inclusão ou não dessas ocorrências.

- (32) a. Ah, e você estimula, **mesmo que esteja um pouquinho difícil**. (Fabiana-1E-2003)
 b. ? Ah, e você, **mesmo que esteja um pouquinho difícil**, estimula.

Uma última questão que levamos em conta no estabelecimento do envelope de variação foi a de considerar ou não na análise as ocorrências do tipo “X+ (vo)cê + não +

verbo” ou “X + (vo)cê + clítico + verbo”¹⁷, como em (33) e (34). Nesses casos, embora o *não/num* e os clíticos tenham uma posição fixa (ou quase fixa, no caso dos clíticos), é possível ainda outra interpolação, a do constituinte “X”. Uma solução possível seria considerar tais casos como equivalentes a “X + (vo)cê + verbo” ou “(vo)cê + verbo + X”. De maneira similar às situações anteriores, análises alternativas foram realizadas: com a presença ou não desses dados.

- (33) a. **Na UNICAMP** cê *num* faz curso de Letras. (Fabiana-1E-2003)
b. Cê, **na UNICAMP**, *num* faz curso de Letras.
- (36) a. ... e **depois** vocês *me* falam o que vocês decidiram... tá? (Fátima-2A-2003)
b. ... e vocês **depois** *me* falam o que vocês decidiram... tá?

Análise quantitativa

Foram investigados cinco grupos de fatores: (i) sexo/gênero (masculino; feminino); (ii) faixa etária (25-32 anos; 35-45 anos; 50 anos ou mais); (iii) tipo de elocução (aula; entrevista); (iv) pronúncia do pronome (plena *você*; reduzida *cê*); e (v) extensão do material (potencialmente) interveniente (1 sílaba; 2 a 3 sílabas; 4 a 5 sílabas; mais de 5 sílabas).¹⁸

Expectativas

Objetivamos, com este estudo, responder às seguintes questões:

- (i) o emprego de “(X) + pronome + verbo + (X)”, i.e. sem constituintes interpolados, seria favorecido pela cliticização de *cê*?
- (ii) a extensão fônica dos constituintes (potencialmente) intervenientes entre o pronome e o verbo correlaciona-se ao emprego das estruturas sintáticas em análise? Ou, dito de outra forma, quanto maior a extensão fônica do constituinte (potencialmente) interveniente, menor será a probabilidade deste vir em uma construção interpolada?

Análise dos resultados

Obtivemos um total inicial de 346 dados. Como alguns constituintes potencialmente intervenientes aparentaram ter uma posição canônica, mostrando-se categóricos na amostra em estudo, optamos por excluir esses dados da análise. Esse foi o caso dos marcadores discursivos *quer dizer*, *aí*, *então* e *agora*, que ocorreram categoricamente à esquerda do complexo “pronome + verbo”. Além disso, excluímos também os dados duvidosos e aqueles em que havia outros elementos intervenientes categóricos ou quase categóricos (*não/num* e clíticos). Após esses refinamentos nas análises, obtivemos um total de 190 ocorrências.

¹⁷ Ou “(vo)cê + não + verbo + X” ou “(vo)cê + clítico + verbo + X”, com o elemento potencialmente interveniente à direita.

¹⁸ Outros grupos de fatores foram controlados na pesquisa, tais como a referência do pronome (específica, genérica), a flexão do pronome (singular, plural) e o tipo de material interveniente (discursivo ou sintático). Para os propósitos desse estudo, não iremos nos ater a esses resultados.

Os grupos de fatores sociais não se mostraram correlacionados ao fenômeno em estudo. Das variáveis de natureza linguística controladas na pesquisa, apenas a “extensão do constituinte (potencialmente) interveniente” se mostrou estatisticamente significativa – como observamos na tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Emprego da interpolação conforme o número de sílabas do constituinte (potencialmente) interveniente¹⁹ (Input: 0.196; p < 0.001)

Nº de sílabas do constituinte (potencialmente) interveniente	Nº / Total	%	Peso Relativo
1 sílaba	27/36	75,0	0,92
2 a 3 sílabas	16/82	19,5	0,50
4 a 5 sílabas	4/47	8,5	0,28
+ de 5 sílabas	1/25	4,0	0,15
Total	48/190	25,5	Range: 0,77

Os resultados acima demonstram que há uma correlação inversa no que diz respeito ao número de sílabas dos constituintes (potencialmente) intervenientes e o emprego de construções sintáticas com interpolação: quanto mais extenso é o constituinte, a interpolação destes tende a ser evitada. Vemos que constituintes leves (com apenas uma sílaba) favorecem a interpolação (peso relativo 0,92), constituintes intermediários (entre 2 e 3 sílabas) mostram-se neutros ao emprego da interpolação (peso relativo 0,50) e constituintes mais extensos (com 4 ou mais sílabas) desfavorecem essas construções (pesos relativos 0,28 e 0,15).

A pronúncia do pronome *você* (plena ou reduzida), por sua vez, não se mostrou estatisticamente relevante. No entanto, uma análise do efeito desse grupo de fatores isolado indicou uma ligeira correlação dessa variável em relação ao uso de construções com ou sem interpolação.²⁰ Como vemos na tabela 2, a pronúncia plena do pronome encontra-se bem próxima ao ponto neutro (peso relativo 0,53) e a pronúncia reduzida *cê* desfavorece ligeiramente o emprego da interpolação (peso relativo 0,44). Esse resultado deve ser interpretado com cautela, uma vez que, além de controlar apenas um grupo de fatores isoladamente nessa análise, os pesos relativos obtidos encontram-se muito próximos do ponto neutro e muito próximos entre si (a diferença entre eles, o *Range*, é de apenas 0,09).

¹⁹ Exceto dados duvidosos ou com a presença de *não/num* e clíticos.

²⁰ Nessa análise, foram incluídos também os dados duvidosos, exceto aqueles com “*não/num*” e aqueles com clíticos entre o pronome e o verbo.

Tabela 2: Emprego da interpolação conforme a pronúncia do pronome (*One Level*)

Pronúncia do pronome	Nº / Total	%	Peso Relativo
Plena: VOCÊ	29/174	16,7	0,53
Reduzida: CÊ	24/90	26,7	0,44
Total	53/264	20,1	Range: 0,09

Considerações finais

Neste artigo, propusemos uma análise inversa às que normalmente são propostas na literatura sociolinguística que trata da hipótese de correlação entre o emprego pleno ou reduzido do pronome de segunda pessoa *você* e a presença ou não de constituintes intervenientes entre esse pronome e o verbo. A coalescência entre *você/cê* e o verbo foi, dessa forma, considerada a variável dependente; e grupos de fatores sociais e linguísticos foram controlados no estudo.

Como era esperado, observamos que a interpolação de constituintes entre o pronome *você/cê* e o verbo mostrou-se um fenômeno pouco produtivo no PB atual. Tal fato poderia ser explicado tanto por um processo mais avançado de cliticização de *cê* quanto por uma tendência a uma ordem “sujeito-verbo” (sem constituintes intervenientes) mais fixa na língua. Uma vez que a pronúncia (plena ou reduzida) do pronome em questão não se mostrou correlacionada ao emprego das estruturas sintáticas com ou sem interpolação,²¹ a segunda hipótese parece ganhar relevância. Lembremos, todavia, a necessidade de se investigarem outras estruturas sintáticas que permitem a interpolação de constituintes, sobretudo aquelas que envolvem a redução de pronomes ou de auxiliares, bem como a de ampliar o *corpus*.

Verificamos que a interpolação tende a resistir nos contextos em que os materiais intervenientes são monossílabos. Tais estruturas sintáticas parecem ser sensíveis, portanto, ao “peso fônico” do elemento (potencialmente) interveniente. Entretanto, devemos levar em consideração que a pequena quantidade de dados obtida pode ter dificultado a análise de outras variáveis possivelmente correlacionadas a esse fenômeno. Adicionalmente, estudos sincrônicos e diacrônicos sobre a ordem sujeito-verbo (S-V) no PB também poderão corroborar as hipóteses aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral. Área de concentração: Sociolinguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

²¹ Como vimos anteriormente, esse grupo de fatores se mostrou ligeiramente correlacionado apenas em uma análise *One Level*, na qual essa variável foi investigada isoladamente.

- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elisabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. Where does the Sociolinguistic Variable Stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Working Papers in Sociolinguistics*. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, p. 06-23, 1978.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford UK & Cambridge, EUA: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford UK & Cambridge, EUA: Blackwell, 2001.
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the Sociolinguistic Variable Stop? In: *Language in Society*, v. 7, p.171-182, 1978.
- MENDES, Ronald Beline. Contraction, Grammaticalization and the Phonology/Syntax interface: Progressives in Brazilian Portuguese. In: *Canadian Linguistics Association Conference*, Vancouver, BC. CLA Proceedings 2008. Toronto: Humanities and Social Sciences Federation of Canada, v. 1. p. 1-10, 2008.
- NASCIMENTO, Ivanete Belém do. *A variação "você" vs. "cê" na cidade de São Paulo*. Painel apresentado no LVI Seminário do GEL, São José do Rio Preto, SP, 2008.
- _____. Cê num tá se cliticizando? – Processos de cliticização e mudança linguística no PB. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VI, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa : Ideia, v. 1. 1911-1919, 2009.
- PETERSEN, Carol. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *cê, ocê* e *você*. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n.2, p. 283-308, 2008.
- RAMOS, Jânia. O Uso das formas *Você, Ocê* e *Cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p.43-60
- VITRAL, Lorenzo. A forma *CÊ* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, ano 5, v. 1, n. 4, p.,115-124, 1996.
- VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. A Interpolação de SE e suas consequências para a teoria da Cliticização. In: _____ (Orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006a. p. 89-118,
- _____. Mais um pronome em processo de cliticização: o par *eles/es*. In: _____ (Orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006b. p. 71-79,
- _____. O processo *não > num* na fala. In: _____ (Orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006c. p. 119-132,
- ZILLES, Ana Maria Stahl. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia: University of Pennsylvania, v. 8, n. 3, 2002. p. 297-310.